

## **CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA APLICAÇÃO DO MODELO FLEURIET NA AVALIAÇÃO DA LIQUIDEZ E SOLVÊNCIA NA MICROEMPRESA E EMPRESA DE PEQUENO PORTE COMERCIAL E INDUSTRIAL NO MUNICÍPIO DE TERESINA/PI**

Josimar de Alcântara Oliveira\*

Este artigo tem por objetivo avaliar a contribuição do modelo Fleuriet, enquanto política de planejamento financeiro das operações de Capital de Giro na microempresa e empresa de pequeno porte. Ao longo de todo este estudo, a quantificação da análise depende das perspectivas do analista, de acordo com os objetivos específicos. Quanto à avaliação da liquidez e solvência é providencial o entendimento de que esses índices expressam o número de vezes que o numerador contém o denominador. Esses índices não refletem a efetiva capacidade de a empresa liquidar seus compromissos nos vencimentos, mas apenas o grau de solvência em caso de encerramento total das atividades. Essa situação permite afirmar que o índice de liquidez está estreitamente relacionado com o ciclo financeiro de curto e longo prazo. Como conclusão, este estudo reafirma que o modelo Fleuriet, efetivamente, auxilia micro e pequenos empresários e analistas financeiros, na avaliação da liquidez e solvência e na identificação, tanto do tipo de estrutura financeira aplicada quanto das características do alvo dos empreendedores e na verificação de suas tendências de investimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liquidez; Solvência; Capital de giro; Necessidade de capital de giro.

---

\*Josimar de Alcântara Oliveira - Mestre em Finanças de Empresas. Coordenador do Curso de Ciências Contábeis da FSA. É contador, consultor, assessor, auditor independente, perito contador e professor.

### **Abstract**

This study has as objective: to evaluate the contribution of Fleuriet's pattern as politics of financial plan of the cash cycle operations. Throughout this study, the quantification of the analysis depends on the perspectives of the analyst, according to the specific objectives. About the evaluation of liquidity and insolvency, it is necessary to understand that such indices express the number of times that the numerator contains the denominator. These indices do not reflect the effective capacity of the enterprise to honour its debts, but only the grade of solvency in case of shut-down. This situation permits to affirm that the index of liquidity is closely related to the shorter financial cycle.

### **INTRODUÇÃO**

O cenário econômico atual apresenta incerteza quanto aos resultados sociais da globalização, polarização mundial entre redefinição das relações e do próprio conceito de trabalho pela predominância do esforço intelectual sobre o físico e tecnologização por todo lado. Ante essa seleção apenas parece coisa do passado. Para lidar com esse cenário, executivos e teóricos da administração têm buscado ajuda em novas abordagens das ciências, como caos, complexidade e teoria das incertezas, para estabelecer os princípios e fundamentos de novos paradigmas de gestão, baseados nos conceitos-chave sugeridos por seus títulos. O resultado dessa iniciativa tem-se apresentado renovador, ao favorecer o ajuste do foco estratégico na direção privilegiada da posição que as organizações ocupam na sociedade, como núcleo central da teia de relações criada por suas operações. A idéia de responsabilidade social, reforçada por essa constatação, tem ganhado terreno entre os empresários.

Sabe-se que, ao produzirem bens ou serviços, as organizações estabelecem um circuito recursivo com o mundo exterior, adaptando suas ofertas a partir dos clientes e consumidores. Sempre foi assim, mas nos dias atuais vai-se um pouco além, entendendo-se que a organização não pode ser sua própria realidade, exigindo-se uma pos-

tura decididamente pró-ativa, flexível e impregnada com o espírito de adaptação e de mudança. O entorno da atuação empresarial é redefinindo por um lado, pelo entendimento do ambiente onde opera e, por outro, pelos resultados de suas ações. Cria-se nesse circuito uma interação complexa da auto-eco-organização, conforme podemos aprender com a linha da complexidade, do pensador francês Edgar Morin.

Essa linha exige que se pense além dos parâmetros e das armadilhas do racionalismo cartesiano, requerendo uma disposição interdisciplinar e uma visão hologramática. É preciso imaginar um sistema ou meta-sistema que exista, independentemente do observador, reconhecendo o nível simbólico em que se processam os acontecimentos, distinguindo como esses níveis ocorrem nos negócios. Recomenda-se esse percurso com cautela, pois é necessário não confundir percepção dos fatos com os fatos em si: mapa (planejamento) não é território (mercado). O melhor traçado é aquele que conseguir transformar eficazmente as competências essenciais da empresa em ofertas de valor para clientes e consumidores. Ao adaptar-se com o cenário da complexidade, os gerentes das organizações devem conscientizar-se de que a época da receitas prontas está terminada. O mercado agora é mutante, volátil, difícil de ser capturado de forma tradicional. Torna-se um imperativo estratégico entender as empresas como cadeias/redes de valor, onde qualquer ação reverbera em algum grau nos seus próprios elementos: clientes/consumidores, colaboradores e fornecedores. A partir do ponto referencial de cada elemento, uma nova cadeia/rede de valor é ativada, com efeito semelhante ao de um móbil. As organizações devem encarar os desafios conscientes do que se gerencia na complexidade e não a complexidade. Os micro e pequenos empresários estão cada vez mais preocupados em aperfeiçoar a gestão dos seus negócios e qualificar o quadro funcional. Hoje, a jornada de trabalho, tanto de diretores quanto de empregados, se soma a aulas sobre finanças, gerenciamento de pessoas, atendimento, empreendedorismo e estratégia de vendas.

Esta pesquisa visa a contribuir para a aplicação do modelo Fleuriet de avaliação dinâmica das finanças na microempresa e empresa de

pequeno porte no Município de Teresina/PI, objetivando reduzir a sua mortalidade. Para isso, faz-se necessário analisar os índices financeiros de liquidez e solvência de empresas que supram as carências e necessidades verificadas na microempresa e empresa de pequeno porte de Teresina/PI e que levem em consideração os aspectos da capacidade da empresa em honrar seus compromissos, sem, necessariamente, ter que se desfazer de seus elementos patrimoniais de curto e longo prazo. Este modelo de análise vem complementar o modelo “tradicional” de análise de balanço, privilegiando os aspectos de liquidez das empresas, e partindo do princípio de que a empresa é um organismo vivo, agindo em um ambiente extremamente competitivo e em constante transformação.

A diferença verificada entre o modelo Fleuriet e o modelo “tradicional” de análise de balanço é simples. Enquanto o modelo Fleuriet, que está em sintonia com os preceitos do postulado da continuidade da atividade empresarial, leva em consideração os aspectos da dinâmica financeira de liquidez de curto e longo prazo das empresas, partindo do princípio de que a empresa não precisa desfazer-se de seus ativos para honrar seus compromissos, o modelo “tradicional” de análise de balanço, que considera as atividades empresariais como atividades descontínuas, conta com a capacidade de liquidez de curto e longo prazo das empresas como forma de honrar seus compromissos, o que significa levar, necessariamente, as empresas à liquidação dos seus elementos patrimoniais.

Quando do levantamento do perfil das necessidades das empresas brasileiras, a serem incorporadas ao modelo de análise originalmente desenvolvido pelo Prof. Michel Fleuriet, pôde-se constatar que as empresas careciam de um modelo que deveria ter algumas características:

- Ser sintético e globalizante, de forma a permitir uma rápida tomada de decisão, exigida pelo ambiente, que está sujeito a bruscas mudanças;
- Incorporar os parâmetros de uma situação estratégica favorável em ambiente de economia sob controle;
- Considerar uma economia em crescimento;
- Considerar o ambiente operacional da economia altamente com-

petitivo.

Do ponto de vista lógico, se a carência de algumas informações gerencial-financeiras é a causa de muitas falências e se a aquisição delas é a solução para a reversão do quadro falimentar, deve-se admitir que tais informações são peças indispensáveis para micro e pequenos empresários. Eis porque, neste estudo, vai-se mostrar como o administrador pode dispor de informações econômico-financeiras que lhe possibilitem tanto aumentar o ciclo de vida de suas micro e pequenas empresas, quanto lidar com a globalização de mercados.

#### **Quanto ao Aspecto Gerencial**

O empresário necessita de informações para tomada de decisões. A contabilidade oferece dados formais, científicos e universais, que permitem atender a essa necessidade.

Com a globalização da economia, a informação contábil, além de ser utilizada dentro de todo o território nacional, poderá ser utilizada também em outros países.

A decisão de investir, de reduzir custos, de modificar uma linha de produtos ou de praticar outros atos gerenciais deve se basear em dados técnicos extraídos dos registros contábeis, sob pena de se pôr em risco o patrimônio da empresa.

#### **Quanto ao Aspecto Social**

A falta da escrituração contábil é uma das principais dificuldades para se avaliar a economia informal, o que distorce as estatísticas no Brasil. O desconhecimento da realidade econômica nacional gera resoluções completamente dissociadas das necessidades das empresas e da sociedade em geral e, sem dúvida, tem causado prejuízos irreversíveis ao país.

O registro contábil é fundamental para se analisar, entre outros aspectos, as causas que levam um grande número de pequenas empresas a fechar suas portas prematuramente.

Portanto, a escrituração contábil completa é incontestavelmente necessária à empresa de qualquer porte, como principal instrumento de defesa, controle e gestão do seu patrimônio.

### **Os Ciclos das Empresas e a Contabilidade**

Seguramente, as necessidades informacionais dos gestores das organizações ampliaram-se com o aumento da competitividade no mercado internacional, proporcionada pelo processo histórico-econômico da globalização.

Para atuar nesse mercado altamente competitivo, o empresário deve reavaliar as políticas de gestão com relação à administração do Capital de Giro, dentre as quais se destacam: a política de estocagem, a política de crédito, a política de compras, e as taxas de rentabilidade e do nível de endividamento. Em outras palavras, o grau de vulnerabilidade da empresa nesse mercado competitivo vai depender da quantidade e, principalmente, da qualidade da carga informacional acerca da administração do ciclo econômico e financeiro da empresa.

Completando o pensamento acima, Brasil e Brasil afirmam (1993, p. 17): O insumo mais importante da empresa é o tempo. Cada vez mais isso é verdade num mundo competitivo e internacionalizado. O Ciclo Econômico e Financeiro de uma empresa é o conceito que melhor incorpora a influência do tempo nas operações. É, por isso, um dos pontos em que ela é mais vulnerável, principalmente quando a economia está em crescimento real ou em regime inflacionário ou, ainda, sofrendo o efeito cumulativo de ambos, como costuma ocorrer no Brasil. A redução dessa vulnerabilidade sempre passa por uma boa administração desse ciclo, envolvendo seu controle e até mesmo sua redução nos limites da estrutura do negócio ou da atividade.

O ciclo econômico está relacionado diretamente com a atividade operacional da empresa. Tal ciclo começa com a compra de matérias-primas, passa pelo setor de produtos em processo e acaba no estoque de produtos acabados para, depois, ficar à disposição do cliente.

O ciclo financeiro pode ser entendido pelo intervalo de tempo que vai desde o desembolso pela compra de matérias-primas a serem utilizadas para o processo de fabricação de produtos e serviços até o recebimento pela venda desses produtos ou serviços.

Para se definir o que é o ciclo financeiro em uma empresa, fundamenta-se no conceito de Brasil e Brasil (1993, p.17), que registram: O ciclo financeiro começa com o pagamento dos fornecedores e termina

com o recebimento das duplicatas, incluindo no intervalo vários outros desembolsos referentes a salários, impostos, encargos etc.

Segundo Gitman (1987, p. 303): O ciclo de caixa de uma empresa é definido como o período de tempo que vai do ponto em que a empresa faz um desembolso para adquirir matérias-primas, até o ponto em que é recebido o dinheiro da venda do produto acabado, feito com aquelas matérias-primas.

Segundo Silva (1995, p.339): O ciclo financeiro é o período que a empresa leva para que o dinheiro volte ao caixa, isto é, compreende o prazo médio de rotação do estoque, mais o prazo médio de recebimento das vendas, menos o prazo médio de pagamento das compras.

Como se pode notar, cada empresa e atividade tem suas características próprias. O ciclo de produção de uma empresa de construção naval é diferente do ciclo de produção de uma empresa que produz equipamentos eletrônicos. Isto faz com que os ciclos econômicos e financeiros fiquem defasados entre si. Essa defasagem é fruto, por um lado, do processo de conversão da matéria-prima em bens e serviços e, por outro lado, dos prazos de pagamento dessas matérias-primas e recebimento das faturas referentes a esses produtos que, geralmente, são diferentes em cada tipo de empresa.

Fleuriet, Kedhy e Blanc (1980, p. 12) ampliam magnificamente o pensamento acima, como segue:

O ciclo econômico caracteriza-se pelo prazo decorrido entre as entradas de matérias-primas (compras) e as saídas de produtos acabados (vendas), enquanto o ciclo financeiro caracteriza-se pelo prazo decorrido entre as saídas de caixa (recebimento de clientes). Como se pode observar, o ciclo financeiro apresenta-se defasado em relação ao ciclo econômico, visto que os movimentos de caixa ocorrem em datas posteriores às datas das compras de matérias-primas e vendas de produtos acabados.

Os ciclos econômico e financeiro relacionam-se, aproximadamente, através da seguinte expressão: ciclo financeiro = ciclo econômico + prazo médio de recebimento das contas a receber – prazo médio de pagamento das contas a pagar.

Sendo assim, conclui-se que, quanto maior for o ciclo financeiro da empresa, maior será o seu risco nos momentos de crise, e, conseqüentemente, maior será a necessidade de investimentos nos ativos operacionais.

Como já foi mencionado pelo Prof. Michel Fleuriet, existe uma defasagem temporal entre o ciclo econômico e o ciclo financeiro, a qual, quanto maior, fará com que a vulnerabilidade da empresa, em períodos de crise, seja também maior. Neste caso, para melhor performance da empresa, faz-se necessária à administração das variáveis que compõem o ciclo econômico e financeiro dentro da estrutura organizacional.

O ciclo econômico compreende o período de tempo que se prolonga entre a compra de matérias-primas até as vendas dos produtos acabados. Uma boa administração do ciclo econômico envolve a diminuição do lapso temporal entre a compra de matérias-primas e as vendas dos produtos acabados, o que significa dizer que a alta rotação (giro) torna mais dinâmico o fluxo das operações, fazendo com que haja menor necessidade de imobilização de capital no ativo circulante, para fazer frente à necessidade de Capital de Giro.

O ciclo financeiro compreende o período de tempo situado entre o desembolso para compra de matérias-primas e o recebimento pelas vendas dos produtos acabados, provenientes da produção dessas matérias-primas.

Uma boa administração do ciclo financeiro envolverá o controle das variáveis que compõem esse ciclo, com o objetivo de reduzir o seu período de duração. Enquanto na prática cotidiana predomina a dissociação entre o ciclo econômico e o financeiro, o ideal seria que a relação temporal entre esses dois ciclos fosse igual.

A redução do ciclo operacional se faz através do controle permanente das variáveis que compõem o ciclo operacional, desde a realização do pedido de compras para aquisição de matérias-primas até o recebimento das duplicatas.

A busca da qualidade, fruto da competitividade entre as empresas, está fazendo com que gestores das organizações busquem a otimização dos processos de produção, visando à redução do ciclo operacional.

Dentre os processos de otimização do ciclo operacional, destaca-se a Filosofia Just-in-time.

O objetivo do Just-in-time é a redução do estoque da empresa, buscando, com isso, a melhoria da qualidade de produtos, a redução dos custos com estocagem de matérias-primas e a redução da Necessidade de Capital de Giro para manter um determinado nível de estoque.

O conceito do Just-in-time, na sua amplitude, é enunciado por renomados autores, que destacam: “A principal meta do Just-in-time é o atingimento do estoque zero, confinado não apenas dentro de uma só empresa, mas através de toda uma cadeia de suprimentos (ROMÃO, 1992, p. 78).

## CONCLUSÃO

O propósito de mostrar a relevância do modelo Fleuriet é de modo a apresentar mais um instrumento de análise financeira complementar à análise dos índices financeiros feitos pela contabilidade e, quando utilizado de forma integrada, subsidiará o administrador de informações relevantes para a tomada de decisão.

Desta forma, é oportuno ressaltar que o modelo Fleuriet trata de separar, na atividade desenvolvida pela empresa, todos os aspectos operacionais dos não operacionais, bem como relacioná-los na função temporal do investimento e financiamento em curto e longo prazo, de tal forma que a política de gestão financeira fique melhor delineada, de maneira que as variações de liquidez e solvência, possam indicar tendência para previsão de insolvência, proporcionando a necessária segurança para a não interrupção de suas atividades.

Se a análise financeira fosse apresentada apenas com base nos indicadores financeiros de liquidez e solvência, ficaria bastante limitada, única e exclusivamente, ao desempenho dos citados índices e não seria significativa para fins da tomada de decisão em função do incipiente volume de informações.

Portanto, deve-se utilizar todos os modelos de análise desenvolvidos para serem empregados de forma complementar capaz de

prever insolvência e, conseqüentemente, reduzir, substancialmente a falência das microempresas e empresas de pequeno porte no Município de Teresina/PI.

### **Recomendações**

Recomenda-se, quanto à necessidade de mudança de cultura, estabelecida pelos órgãos fiscalizadores, que as microempresas e as empresas de pequeno porte não precisam de contabilidade para fins gerenciais, mas somente da contabilidade fiscal, estando, portanto, desobrigadas da apresentação e elaboração de livros contábeis (Diário, Razão), que lastreia a elaboração das demonstrações contábeis tais como Balanço Patrimonial e Demonstração de Resultado do Exercício que, para as micro empresas, servem além das finalidades fiscais, também para as gerenciais. Essa recomendação, uma vez implementada, tornará mais fácil analisar as tendências sobre as gestões financeiras na busca constante do equilíbrio financeiro, proporcionando estudar de modo eficiente a liquidez e a solvência além de prever a insolvência e desta forma possibilitar reduzir substancialmente a mortalidade das microempresas e empresas de pequeno porte.

Portanto, defende-se a opinião de que a utilização do modelo Fleuriet, na análise dinâmica do Capital de Giro como instrumento complementar à análise das demonstrações financeiras empregadas tradicionalmente pela contabilidade, servirá aos administradores na política de planejamento financeiro de curto e longo prazo.

Por último, cabe ressaltar que, com o advento da globalização da economia e conseqüente aumento da competição, os obstáculos a serem superados pelos empreendedores requerem conhecimentos mais abrangentes sobre os recursos de que a empresa precisa para atingir seus objetivos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BANGS JR., David H. **Guia prático – Administração financeira**: como os empresários podem aumentar seus ganhos, administrando bem os números de sua empresa. São Paulo: Nobel, 1999.

BERTI, Anélio. **Análise do capital de giro**: teoria e prática. São Paulo: Ícone, 1999.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1989.

BRASIL, Haroldo Vinagre; BRASIL, Haroldo Guimarães. **Gestão financeira das empresas**: dinâmico. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1993.

LEURIET, Michel; KEHDY, Ricardo; BLANC, Georges. **A Dinâmica financeira das empresas brasileiras**: um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro. 2. ed. Belo Horizonte: Consultoria Ed., 1980.

CASAROTTO FILHO, Nelson; KOPITKE, Bruno Hartmut. **Análise de investimentos**: matemática financeira, engenharia econômica, tomada de decisão, estratégia empresarial. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: Harbra, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ROMÃO, Maurício Ferreira Agudo. **Uma visão de capital de giro e da geração e necessidade de caixa**. São Paulo: FEA/USP, 1992. Dissertação de Mestrado

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey F. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.

SANVICENTE, Antonio Zoratto. **Administração financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, José Pereira da. **Análise e decisão de crédito**. São Paulo: Atlas, 1993.

VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval de; OLIVEIRA, Roberto Guena de. **Microeconomia**. São Paulo: Atlas, 1996.

VIEIRA, Delio Vargas. **Integração entre o resultado econômico e o fluxo de recursos financeiros: um estudo de caso em empresa estatal**. Dissertação de Mestrado, EPGE/FGV, 1993.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Planejamento financeiro e orçamento**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.